Nome Ano Turma N.o

Teste de avaliação – 10.o Ano

**Versão 1**

**Grupo I**

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

**PARTE A**

Lê o texto.

– Acorramos ao Meestre, amigos, acorramos ao Meestre que matam sem por quê!

A gente começou de se juntar a ele, e era tanta que era estranha cousa de veer. Nom cabiam pelas ruas principaes, e atrevessavom logares escusos1, desejando cada uῦ de seer o primeiro; e preguntando uῦs aos outros quem matava o Meestre, nom minguava2 quem responder que o matava o Conde Joam Fernandez, per mandado da Rainha.

E per voontade de Deos todos feitos duῦ coraçom com talente3 de o vingar, como forom aas portas do Paaço que eram já çarradas4, ante que chegassem, com espantosas palavras começarom de dizer:

– U matom o Meestre? que é do Meestre? Quem çarrou estas portas?

Ali eram ouvidos brados de desvairadas5 maneiras. Taes i havia que certeficavom que o Meestre era morto, pois as portas estavom çarradas, dizendo que as britassem6 para entrar dentro, e veeriam que era do Meestre, ou que cousa era aquela.

Deles braadavom por lenha, e que veese lume pera poerem fogo aos Paaços, e queimar o treedor e a aleivosa7. Outros se aficavom8 pedindo escaadas pera sobir acima, pera veerem que era do Meestre; e em todo isto era o arrroido atam grande que se nom entendiam uῦs com os outros, nem determinavom neῦma cousa. E nom soomente era isto aa porta dos Paaços, mas ainda arredor deles per u homeẽs e molheres podiam estar. Ũas viinham com feixes de lenha, outras tragiam carqueija pera acender o fogo cuidando queimar o muro dos Paaços com ela, dizendo muitos doestos9 contra a Rainha.

De cima nom minguava quem braadar que o Meestre era vivo, e o Conde Joam Fernandez morto; mas isto nom queria neuῦ creer, dizendo:

– Pois se vivo é, mostrae-no-lo e vee-lo-emos

Entom os do Meestre veendo tam grande alvoroço como este, e que cada vez se acendia mais, disserom que fosse sua mercee de se mostrar aaquelas gentes, doutra guisa10 poderiam quebrar as portas, ou lhe poer fogo, e entrando assi dentro per força, nom lhe poderiam depois tolher11 de fazer o que quisessem.

Ali se mostrou o Meestre a ῦa grande janela que viinha sobre a rua onde estava Alvoro Paaez e a mais força de gente, e disse:

– Amigos, apacificae vos, ca eu vivo e são som12 a Deos graças.

Fernão Lopes , *Crónica de D. João I de Fernão Lopes* (textos escolhidos), apresentação crítica de Teresa Amado, Lisboa,   
Seara Nova/Comunicação, 1980, capítulo 11.

**1** *escusos* – escondidos ou pouco frequentados. **2***minguava* – faltava. **3** *talente* – vontade. **4** *çarradas* – encerradas, fechadas. ***5****desvairadas* – várias, diversas. **6***britassem* – arrombassem. **7***aleivosa* – maldosa, traidora. **8***aficavom* – teimavam. **9***doestos* – insultos. ***10****guisa* – maneira, modo. **11***tolher* – impedir. **12***som* – sou.

1. Comenta a ação das diferentes personagens, enquanto atores individuais e coletivos.
2. Explicita o sentido de «todos feitos duῦ coraçom» (l. 6), relacionando-o com a noção de identidade nacional.
3. Retira do texto:
4. uma apóstrofe;  **b)** um pleonasmo.

Lê o texto. Se necessário, consulta as notas.

**PARTE B**

|  |  |
| --- | --- |
| **5**  **10**  **15**  **20** | Foi a cítola1 temperar2  Lopo3, que citolasse4;  e mandarom-lh'algo dar,  em tal que a leixasse5;  e el cantou log'entom,  e ar6 derom-lh'outro dom7,  em tal que se calasse.  U8 a cítola temperou,  logo lh'o dom foi dado,  que a leixass', e el cantou;  e diss'um seu malado9:  [- Pera leixar de cantar,]  Ar dê-lh'alg', a quem pesar10:  nom se cal'endoado11.  E conselhava eu12 bem  a quem el dom pedisse,  desse-lho log'e, per rem13,  seu cantar nom oísse14,  ca15 est'é, ai, meu senhor,  o jogral braadador16  que nunca bom som17 disse. |
| Martim Soares, *in* Graça Videira Lopes, Manuel Pedro Ferreira *et al.* (2011), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online], Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA (consultado em novembro de 2018, disponível em: http://cantigas.fcsh.unl.pt). | |

**1** *cítola* – instrumento musical de cordas. **2** *temperar* – afinar. **3** *Lopo* – trovador da época medieval. **4** *citolasse* – tocasse. **5** *leixasse* – deixasse. **6** *ar* – de novo. **7** *dom* – presente, dádiva. **8** *U* – quando. **9** *malado* – criado. **10** *Ar dê-lh'alg', a quem pesar* – quem ficar incomodado, dê-lhe novamente algo. **11** *endoado* – de graça. **12** *eu* – o criado de Lopo.  **13** *per rem* – por nada, de modo nenhum. **14** *oísse* – ouvisse.  **15** *ca* – porque.  **16** *braadador* – berrão.  **17** *som* – música de uma cantiga.

1. Identifica o género da cantiga, justificando a tua opção.
2. Explica os conselhos dados pelo criado.
3. Comenta a crítica de costumes subjacente à cantiga.

**PARTE C**

1. As cantigas de escárnio e maldizer e a *Crónica de D. João I* exibem um olhar atento sobre a sociedade e são documentos de época preciosos.

Escreve uma breve exposição acerca das temáticas sociais que podemos encontrar nas cantigas de escárnio e maldizer e na *Crónica de D. João I*.

A tua exposição deve incluir:

* uma introdução ao tema;
* um desenvolvimento no qual te refiras às temáticas sociais, apresentando uma problemática social presente nas cantigas de escárnio e maldizer e outra na *Crónica de D. João I*, fundamentando as ideias apresentadas em, pelo menos, um exemplo significativo para cada;
* uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

**Grupo II**

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Escreve, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê o texto. Se necessário, consulta as notas.

Um mistério com mais de 500 anos na História de Portugal, sobre quem foi o cronista Fernão Lopes, pode ter chegado ao fim com a descoberta desse nome numa lápide1 à entrada da Igreja Matriz do Alandroal, vila do distrito de Évora.

«Acho que é uma contribuição definitiva para estudar um homem sobre cuja vida não se sabe nada», defende ao *DN* João Torcato, um investigador que trocou a vida na capital pelo regresso ao Alandroal – «terra pequena e perdida no meio da planície alentejana» onde esta descoberta «é uma mais valia em termos culturais e turísticos». […]

«Nunca se tinha pensado nem se sabia onde Fernão Lopes estava sepultado», assinala José d’Encarnação ao *DN*. Agora, embora com as reservas naturais dos investigadores, este catedrático justifica a conclusão de os restos mortais do quarto Guarda-Mor da Torre do Tombo estarem na Igreja de Nossa Senhora da Graça com o conjunto de factos que até aqui não tinham explicação.

«Apontamos para ser o cronista porque temos uma explicação para o privilégio, para a importância dada a essa zona» por Fernão Lopes nos textos que escreveu, observa José d’Encarnação, enquanto João Torcato evoca os nove capítulos da *Crónica de D. João I* que o autor dedica ao Alandroal numa época   
– a crise de 1383-1385 – em que aí «praticamente não houve nada de relevante» e quando «o país estava num estado de guerra absoluto». Exemplos? As batalhas dos Atoleiros, Trancoso, Aljubarrota e Valverde.

Fernão Lopes é considerado o fundador da historiografia portuguesa e até agora apontava-se para Lisboa como local de nascimento (entre 1380 e 1390) e morte (cerca de 1460). Além de responsável pelos arquivos da Torre do Tombo2, foi o autor das crónicas sobre os reis D. João I, D. Fernando e   
D. Pedro, bem como de outros monarcas, cujos textos desapareceram. A sua escrita era marcada pela objetividade, que rompia com as tradições da época e na qual, lembra João Torcato, os membros do povo passaram a ser protagonistas. […]

Mas poderá aquele nome corresponder a outra personagem que não o famoso cronista? «É uma pergunta perfeitamente legítima», sublinha José d’Encarnação, mas os elementos informativos existentes levam a concluir que só pode ser o autor da *Crónica de D. João I*.

Além de Fernão Lopes referir exaustivamente a vila do Alandroal, a única vila do Alentejo cujo brasão de armas é semelhante ao da Casa de Avis3 […], a existência de um convento que funcionava como escola – explica a erudição que o caracterizava e permitiu a alguém de origem humilde chegar a Guarda-Mor da Torre do Tombo – e lhe permitiu ser conhecido pelos responsáveis da Ordem de Avis, destacam os autores.

Acresce o pormenor, regista ainda João Torcato, de as pessoas nessa época «serem sepultadas na terra natal» para reforçar a tese de que Fernão Lopes é natural da vila do Alandroal.

Manuel Carlos Freire, «Lápide em igreja desvenda mistério sobre o cronista Fernão Lopes», *in Diário de Notícias*, 26 Janeiro 2018 (disponível em: https://www.dn.pt, consultado e adaptado em novembro de 2018).

1 *lápide* – pedra sepulcral. 2*Torre do Tombo* – uma das instituições de arquivo mais antigas do país (em Lisboa). 3 *Casa de Avis* – relativa à família e dinastia de Avis.

**1.** O facto de Fernão Lopes ser natural da vila do Alandroal explicaria

**(A)** o privilégio concedido à vila, em momentos históricos efervescentes noutros locais.

**(B)** os nove capítulos dedicados às várias batalhas travadas em Portugal.

**(C)** os nove capítulos dedicados à crise efervescente de 1383-1385.

**(D)** a relevância concedida a um estado de guerra absoluto em Portugal.

**2.** Tendo em conta as conclusões dos investigadores,

**(A)** podemos ter a certeza absoluta de que estamos perante o túmulo de Fernão Lopes.

**(B)** há uma probabilidade ínfima de estarmos perante o túmulo de Fernão Lopes.

**(C)** há indícios muito pertinentes de que estamos perante o túmulo de Fernão Lopes.

**(D)** é muito pouco provável estarmos perante o túmulo de Fernão Lopes.

**3.** Na expressão «[d]o quarto Guarda-Mor da Torre do Tombo» (l. 10), o autor utiliza

**(A)** uma metáfora.

**(B)** uma perífrase.

**(C)** um eufemismo.

**(D)** um pleonasmo.

**4.** O referente do pronome pessoal em «explica a erudição que o caracterizava» (l. 29) é

**(A)**  «Alentejo» (l. 27).

**(B)** «Fernão Lopes» (l. 27).

**(C)** «brasão de armas» (l. 28).

**(D)** «convento» (l. 28).

**5.** Em «os elementos informativos existentes levam a concluir que só pode ser o autor da *Crónica de   
D. João I*» (ll. 25-26), a oração subordinada é

**(A)** adverbial final.

**(B)** adverbial causal.

**(C)** adjetiva relativa restritiva.

**(D)** substantiva completiva.

**6.** Indica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões seguintes:

1. «para Lisboa» (ll. 18-19);
2. «natural da vila do Alandroal» (l. 33).

**7.** Identifica os processos fonológicos que ocorreram na evolução da seguinte palavra:

• PERSONA > persoa > pessoa.

**Grupo III**

O maior desafio do século XXI…

Num **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defende uma **perspetiva pessoal** sobre qual é **o maior desafio que a nossa sociedade enfrenta e como vencê-lo com sucesso**.

No teu texto:

* explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
* utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

**Observações:**

**1.** Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2018/).

**2.** Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:

* um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
* um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

**FIM**

COTAÇÕES

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Grupo** | **Item** | | | | | | | |
| Cotação (em pontos) | | | | | | | |
| **I** | **1.** | **2.** | **3.** | **4.** | **5.** | **6.** | **7.** |  |
| 16 | 16 | 8 | 16 | 16 | 16 | 16 | 104 |
| **II** | **1.** | **2.** | **3.** | **4.** | **5.** | **6.** | **7.** |  |
| 8 | 8 | 8 | 8 | 8 | 8 | 8 | 56 |
| **III** | **Item único** | | | | | | |  |
| 40 |
| **TOTAL** |  | | | | | | | 200 |